

**D**esde as informações mais remotas sobre a história da cultura musical parece-nos problemática a dicotomia entre os âmbitos erudito e popular. A dominação colonizadora dos jesuítas sobre os puros e angelicais índios não os deixou imunes à musicalidade indígena. A própria estratégia colonialista requeria momentos de assimilação de elementos da cultura dos aculturados sem o que o processo poderia configurar-se como árida ou estéril imposição de valores e imagens estéticas, éticas ou ideológicas.

No século XVII vimos enfatizada a importância da música militar. Em Portugal a música belicista serviu para inflamar o espírito político da Restauração da Monarquia Portuguesa. Militares alemães levam para Portugal suas estratégias e suas marchas de guerra (hinos que até hoje são perceptíveis na música militar brasileira). Tais músicas (para a ascensão da virtuosidade moral belicista) teriam auxiliado na vitória dos brasileiros na guerra dos Guararapes (quando os holandeses são expulsos do Brasil). Também no século XVII a barroquização cultural do Brasil engendrou — pelo extenso calendário litúrgico católico e nos eventos de caráter cívico ou político-social — multivivências sinergeticamente envolvendo grupos de negros, índios (como aqueles que tiveram o seu cotidiano jesuitizado pelas Missões) e até judeus. Os negros e os índios — embora fossem os grupos dominados sócio-economicamente e culturalmente — na medida em que fossem levados a se envolver ou participar do calendário festivo dos colonizadores — acabavam levando as suas danças (e quiçá suas músicas) para as procissões e outros momentos, nos quais se mesclavam e dialogavam os substratos musicais “sacro-erudito” e o “popular-profano”.



Nascido nos Açores a 16 de abril de 1897, José Geraldo veio cedo para o Brasil, tendo perdido um irmão gêmeo com apenas três meses. Aqui tornou-se brasileiro, escritor brasileiro, o que não é fácil.

Teve nome de rei: José Geraldo Manuel Germano Correia Vieira Machado Drummond da Costa Fortuna. Observem esse nome: além de tão extenso, é curioso — ele reúne três nomes muito expressivos da língua portuguesa: Vieira, Machado, Drummond. Como escritor, tornou-se José Geraldo Vieira. De nenhum outro nome precisaria, entre tantos dos seus, para ser respeitado, e conhecido, uma personalidade fascinante de nosso meio intelectual.

Morreu a 18 de agosto de 1977. Foi contemporâneo de grandes mudanças, políticas e estéticas. Durante o movimento da Semana de 22 encontrava-se longe, escrevendo em Montparnasse, ou em Saint-Germain, fazendo cursos em hospitais franceses e alemães, mas atento, por exemplo, ao dadaísmo, nesse período estourando em Zurich, Colônia, Paris. Era um freqüentador do mundo. Abria, na literatura brasileira, um espaço cosmopolita. Tinha essa coragem, mencionada também como coragem, por Sérgio Milliet. Uma contribuição. Nunca pretensiosa. Por sua experiência diversificada sabia, antes de Macluhan, que o mundo era perto. Com a literatura o mundo se aproxima das pessoas, a televisão o distancia, apesar da imagem. Porque a imagem em geral fica solta, desligada da reflexão e da verdade.

No período em que esteve em Marília, interior de São Paulo, como radiologista, José Geraldo escreveu a novela *Carta a Minha Filha em Prantos*, editada em 1946. Fala claramente nesse livro dessa ligação estreita do escritor com o meio: "Um artista, minha filha, que escreve por vocação, e que cumpre a eficiência desse artesanato dia e noite, mesmo que escreva trancado numa mansarda acesa, está exposto à vida, como uma antena."

Mais adiante, referindo-se a esse período no interior, confessa: "Optei por Marília, que nem sabia onde ficava no mapa, seduzido só pela euritmia do nome lírico." Estava nos anos 40. Mas já oferecia os traços, defini-